

**A COMPARAÇÃO ENTRE O PERSONAGEM NARRADOR ODISSEU, DA
ODISSEIA, DE HOMERO, E O NARRADOR MULTIFACETADO DE O
DELFIN, DE JOSÉ CARDOSO PIRES.**

Rafaela Cristina Santos Silva

Liebert de Abreu Muniz

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise comparativa dos narradores Odisseu, da *Odisseia* de Homero, e o narrador de *O Delfim* de José Cardoso Pires, com o objetivo de descrever suas semelhanças e diferenças em alguns aspectos narrativos. Inicialmente nos propomos a investigar o aspecto comum de serem narradores personagens, ou narradores autodiegéticos. Analisamos a maneira como cada um se apresenta em suas respectivas narrativas e o modo como utilizam a linguagem ao narrarem suas histórias. Posteriormente investigamos as intrusões cometidas pelos narradores, aspecto importantíssimo no que diz respeito às interferências e/ou manipulação na compreensão do leitor sobre a narrativa, o que nos levou a tratar sobre as desconfianças que rodeiam os discursos. Por fim, examinamos outro traço comum: as várias facetas utilizadas pelos narradores durante toda a narrativa, caracterizando-os como narradores multifacetados. Averiguamos que existem muitas semelhanças presentes entre os dois narradores, ainda que sejam de contextos de criação e de narrativas tão distantes. Este estudo nos permite caminhar por vários contextos e propósitos, explorando e extrapolando as fronteiras geográficas e temporais de diferentes textos literários.

Palavras-chave: narrador; multifacetado; Odisseu; *O Delfim*.

ABSTRACT

This work analyzes/compares the narrators Odysseus, from Homer's *Odyssey*, and the narrator of *O Delfim* by José Cardoso Pires, with the aim of describing their similarities and differences in some narrative aspects. Initially, we propose to investigate the similarity of being narrators characters, or autodiegetic narrators, we analyze the way each one presents himself in their respective narratives and the way they use language when narrating their stories. Later, we investigate the intrusions committed by the narrators, a very important aspect with regard to interference and/or manipulation in the reader's understanding of the narrative, which led us to address the distrust surrounding the discourses. Finally, we examine another similarity: the various facets used by narrators throughout the narrative, making them multifaceted narrators. We found out that there are many similarities present between the two narrators, even though they are

from very distant contexts of creation and narratives. This study allows us to walk through various contexts and purposes, exploring and extrapolating the geographical and temporal boundaries of different literary texts.

Key-words: narrator; multifaceted; Odysseus; *O Delfim*.

1. Introdução

Este trabalho tem como finalidade propor uma discussão comparativa no âmbito da análise literária da epopeia grega *Odisseia*, de Homero, e do romance *O Delfim*, de José Cardoso Pires. A escolha das obras se deu pelo propósito de estudar a categoria narrador e suas ações dentro das narrativas, visto que ambos os narradores apresentam relevantes semelhanças e diferenças que chamam atenção no decorrer das obras.

É a partir da perspectiva de Betz (1994, p. 45) que entendemos que obras tão distintas podem ser cotejadas, pois o autor afirma em seu texto que a literatura comparada pode ser entendida como “qualquer reflexão sobre uma literatura nacional em termos de literatura geral; a história do desenvolvimento literário de um povo em comparação com e no contexto das literaturas de outras nações civilizadas.” Sendo assim, trata-se de observar semelhanças e/ou diferenças entre literaturas, sejam elas do mesmo contexto ou não, mas que nos permitam, por meio de elementos da mesma, realizar comparações.

Odisseia, um poema provavelmente composto no século VII d.C por Homero, poeta grego da antiguidade, narra as aventuras de Odisseu, ou Ulisses, após a Guerra de Troia, que durou dez anos, e seu retorno à Ítaca, que também durou dez anos. A partir do Canto IX ao Canto XII, Odisseu será o narrador das histórias que ele mesmo vivenciou e das quais somente ele sobreviveu. É nesses relatos que esta pesquisa irá se apoiar para análise.

O Delfim, romance publicado pela primeira vez no ano de 1968 pelo autor português José Cardoso Pires. O enredo narra a tragédia de uma família respeitada da aldeia da Gafeira, contada pelo narrador-personagem. Esse narrador sem nome vai e volta no tempo para nos descrever detalhes e tentar solucionar o crime envolvendo seus

amigos. São essas descrições que este trabalho utilizará para comparar com as descrições feitas por Odisseu.

A análise desta pesquisa, em particular, irá destacar os seguintes pontos: a comparação entre os dois narradores, seus aspectos narrativos, suas características discursivas, o contexto das narrativas, semelhanças nas suas intrusões nas narrativas, suas similitudes e distinções nas multifaces, assim como a compatibilidade na não confiabilidade do leitor.

Para responder esses questionamentos, serão válidas algumas leituras de teóricos que compartilham de ideias relevantes para este trabalho, como Genette (1972), que traz uma percepção acerca de narrativa e também de categorias da narrativa que serão aproveitadas durante esta análise. Outra discussão importante a ser inserida nessa pesquisa é o trabalho da Irene de Jong (2001), que faz um comentário narratológico rico e minucioso sobre a *Odisseia* que se ajusta a este estudo. Em apoio a análise, há ainda um embasamento de vários comentários e estudos feitos por autores de pesquisas similares a esta, e que de uma maneira especial complementam nossas ideias, como Lilian Coelho (2009), Marcos Coutinho (2008), Gustavo Frade (2019), Thais Portansky e Lucia Sano (2018), André Malta (2012), entre outros.

O embasamento teórico presente neste trabalho possui um conceito de extrema relevância, o de narrativa, visto que se trata de uma comparação de uma das categorias de análise da narrativa. Para isso, utilizaremos um conceito presente em Genette (1979, p. 25) que, depois de apresentar vários sentidos de narrativa, diz que:

(...) o nosso estudo baseia-se, essencialmente, na narrativa em seu sentido mais corrente, isto é, de discurso narrativo, que, em literatura, vem a ser, e particularmente no caso que nos interessa, um *texto* narrativo.

Isto é, fatos ou acontecimentos narrados, contados, enunciados por algum interlocutor. Desse modo, são analisadas as narrativas dos acontecimentos das obras aqui elencadas, cada uma enunciada por seu respectivo narrador, podendo apresentar propósitos diferentes, porém, com aspectos narrativos e discursivos semelhantes.

Já que estamos analisando narradores-personagens, se faz necessário definir este tipo de narrador, e conseqüentemente trabalhar o conceito de narrador autodiegético, conceito este que Franco Junior (2003, p. 40) busca explicar em seu texto. Esse autor

diz “Subtipo do narrador homodiegético, o narrador autodiegético é aquele que ‘é co-referencial com o protagonista’ (1988, p. 762) da narrativa, narrando a sua própria história.”

Desta maneira, observamos que nossos narradores condizem com esse conceito pelo fato de que, na *Odisseia*, Odisseu é, em alguns cantos, o narrador de sua própria história, já que ele relata os acontecimentos que viveu antes de seu retorno à Ítaca. E, em *O Delfim*, o narrador-personagem, que não se nomeia em momento algum, também narra seus atos, passeando entre os que ocorreram no passado e os do presente.

Por serem narradores que não ficam apenas nesse plano narrativo, mas que também abarcam outras funções, se faz necessário tratar o termo *multifacetado*, que geralmente é associado às expressões como *vários*, *diferentes*, *muitos*, etc. Esse termo ainda não é propriamente conceituado, porém, é utilizado pelos autores com a mesma definição ao qual enquadramos nossos narradores. Vemos esse tipo de associação no texto de Rodrigo Lage (2019, p. 89.) que afirma que “na realidade, continua multifacetado a medida que não consegue se decidir, escolher um dos planos fixos para estar nele”, portanto, para o autor, aquele que não consegue escolher um só plano e fica indeciso entre *vários*, é considerado multifacetado.

Para reforçar ainda mais essa noção de multifacetado, vejamos também o texto de Tatiana Lima (2013, p. 54), que relaciona o termo ao que é *mais que um*, *múltiplo*, *variado*. Vejamos como a autora refere-se ao termo: “[...] realidades e subjetividades instáveis e narradores proteiformes, multifacetados. São narradores mutantes, que narram a experiência em constante transformação”. Dessa forma, observamos a relação que a autora faz de multifacetado ao que é *muito*, ao que é *variado*, ou ainda ao que se *transforma*.

Perante o exposto das definições de multifacetado, esta pesquisa também utiliza esse termo para relacionar com os nossos narradores-personagens, pois se enquadram no que consideramos narradores com múltiplas facetas, que realizam várias tarefas ao longo de suas narrativas e que assumem muitos papéis que não somente o de narradores; assim, entendemos que nossos narradores são personagens multifacetados.

Na *Odisseia*, Odisseu é primeiramente personagem, vivendo suas tramas na voz do aedo e de outros cantores ou personagens do próprio poema, do Canto I ao Canto

VIII, mas do Canto IX ao XII ele é agente da narrativa, e se torna narrador de suas tramas passadas, narrando-as para o povo Feácio. É muito astuto, de grande esperteza, possui status de rei, marido e pai, mas antes de tudo ele é um guerreiro que foi lutar na Guerra de Troia para ajudar seu povo.

O narrador de *O Delfim* também possui muitas facetas, sendo este um dos fatores que o aproxima de Odisseu. O narrador delfiniano é primeiramente caçador, esse é o motivo que o leva à aldeia da Gafeira e o faz ser amigo do proprietário da lagoa de caça, Tomás Manuel de Palma Bravo; e por ele ser de uma família distinta, o narrador vai tomar nota de fatos desta família para escrever um livro. A partir daí temos um narrador autor, leitor, caçador, e quando retorna um ano depois para solucionar o crime da mesma família ele se torna detetive e narrador de seus próprios atos, narrando sua estadia na casa da família Palma Bravo. Portanto, entendemos este narrador como sendo multifacetado por assumir muitas facetas e muitos papéis em uma mesma narrativa.

Exatamente pelo motivo de os narradores narrarem suas próprias histórias, surge uma certa desconfiança em relação aos fatos narrados serem, ou não, totalmente verdadeiros, o que os aproxima do conceito de verossimilhança, pois como discute Aristóteles (1451a38-39), “a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível”. Odisseu engrandece seus feitos heroicos e eleva sua glória, porém, nos questionamos se toda sua narração é realmente dotada de verdade. Por outro lado, o narrador delfiniano possui apenas sua memória falha e alguns depoimentos incoerentes para solucionar um crime, nos tornando igualmente desconfiados de sua narrativa.

Sabe-se que esta desconfiança surge quando se fala em narrador em 1ª pessoa, ou homodiegético, mas este que narra seus próprios fatos, o autodiegético, tende a ser menos confiável. Por isso, nesta pesquisa, falaremos também da não-confiabilidade do narrador. Este é mais um termo não conceituado propriamente, porém, a expressão “não-confiabilidade” é utilizada por autores por seu significado, e Lilian Coelho (2009, p. 3) a utiliza em estudo sobre a não-confiabilidade do narrador em A Trilogia de Nova York, de Paul Auster, e embasados em seu trabalho sobre este termo, entendemos pela autora que “em geral, costuma-se considerar narrador não-confiável aquele que narra

sobre si, portando total onisciência e, justamente em razão disso, é mais dotado da capacidade de mentir, disfarçar.”

Dessa maneira, subentende-se que o narrador autodiegético pode ser considerado não confiável por participar dos fatos narrados por si mesmo, podendo manipulá-los a seu favor, ou ainda “mentir” e “disfarçar” quando lhe for conveniente, dentro de sua narrativa. É através dessa quebra de distância que o narrador-personagem vai age na obra, e os dois narradores analisados neste trabalho se enquadram exatamente nas palavras de Lilian Coelho.

É a partir disso que nos desperta a não-confiança, pelo fato desses narradores estarem diretamente afetados com a narrativa, podendo manipular positiva ou negativamente a seu favor. Schwarz (1991, p. 87-88) analisa um narrador que, segundo o autor, considera não-confiável, o de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O autor diz: “ficava ele próprio sob suspeição, credor de toda a desconfiança disponível [...] enfim, o narrador cheio de credenciais, mas privado de credibilidade configurava igualmente uma situação inédita”.

Tendo em vista os fatos analisados, essa é a situação dos nossos narradores, eles são dotados de credenciais, de fama e glória, mas provocam no leitor uma não-confiança, justamente por participarem da história que narram e introduzirem suas intrusões na narrativa, provocando mudanças que podem ser positivas ou negativas, e ainda que mudem o seu rumo.

Odisseu é um guerreiro afamado, com toda honra e glória de um rei, mas em seus relatos exuberantes das aventuras que viveu, ele provoca uma desconfiança no leitor quanto à veracidade dessa exuberância dos feitos, da ordem de acontecimentos e da realidade. O narrador de *O Delfim* é um caçador afamado, um escritor conhecido e um homem considerado de bom caráter, porém está envolvido emocionalmente nos fatos e conseqüentemente podem ocorrer interferências pessoais na narrativa. Este motivo é suficiente para que o leitor possa se precaver quanto à veracidade dos fatos narrados.

2. Os narradores *EU*: Comparação entre os narradores personagens da *Odisseia* e *O Delfim*.

Para início de análise, comparemos a principal característica dos narradores aqui elencados: serem narradores-personagens e que narram em primeira pessoa. Obras com essa característica tornam a história bastante interessante pelo fato de termos um narrador atípico, que narra aquilo que ele vivenciou, a partir de sua perspectiva. Como já dito anteriormente, esses são chamados de narradores autodiegéticos, um conceito explicado por Franco Junior (2003, p. 40). Relembrando as palavras desse autor, ele diz que “Subtipo do narrador homodiegético, o narrador autodiegético é aquele que ‘é co-referencial com o protagonista’ (1988, p. 762) da narrativa, narrando a sua própria história.”

É a partir desse conceito que iremos iniciar a análise dos nossos narradores. Na *Odisseia*, Odisseu vive muitas aventuras durante seu retorno para casa, e em uma de suas paradas Ihe é pedido que fale dessas aventuras e de como chegou vivo até a Feácia. É, principalmente, neste momento que ele assume um outro papel diferente do de personagem, se tornando narrador, porém, um narrador de si mesmo. Vemos isso na passagem a seguir (*Odisseia*, IX.39-44):

De Ílio levaram-me os ventos à terra habitada por Cíconos,
onde a cidade de Ismaro saqueei e matei os seus homens;
mas da cidade as mulheres e o grande tesouro amontado
foi dividido, porque nenhum homem sem lote ficasse.
É bem verdade que aos outros propus que com pés mui velozes
logo fugíssemos, mas os estultos não me obedeceram.

É notável que Odisseu narra, em primeira pessoa, ações passadas, vivenciadas por ele e seus companheiros na terra dos Cíconos, e que neste momento o herói personagem passa também a ser narrador, narrando histórias de si. Percebemos isso quando o guerreiro pronuncia palavras como “saqueei”, “matei”, “propus”, “me obedeceram”. Há vários outros momentos em que Odisseu se torna aedo da narrativa, isso porque a *Odisseia* não possui um narrador único, é no decorrer dos cantos e das histórias envolvidas neles que percebemos quem está narrando. Assim como no Canto VIII, em que temos o aedo Demódoco narrando a história da guerra de Troia, incluindo os feitos de Odisseu nela.

Após Demódoco terminar sua narrativa, Odisseu assume o papel de aedo no canto seguinte. Como disse Marcela Oliveira (2016, p. 49), “narrador de si mesmo, Ulisses passa quatro cantos inteiros contando a sua odisseia aos seus anfitriões na ilha da Feácia”, portanto, são quatro cantos ouvindo as aventuras pela voz do único sobrevivente de todas elas.

Em *O Delfim* percebemos, na maioria da narrativa, o hibridismo entre personagem-narrador e/ou narrador-personagem. Vemos isso na seguinte passagem (PIRES, 2008, p. 145):

Lá está a nuvem, a coroa, a desenhar-se por cima do pinhal. Bom tempo, anuncia-me pela forma como se firmou, muito suave. Bom tempo, alvoradas e cheiros, leio eu nela... Paz sobre os caniços. Demoro-me a estudá-la como dantes, mas entre a janela onde me debruço e essa saudação da lagoa vai o espaço de um ano.

Como vemos, o narrador está refletindo, também em primeira pessoa, sobre uma nuvem que paira no céu da aldeia, e ao vê-la, ele consegue sentir que bons tempos virão. Mais adiante, narrará como consegue estudar a nuvem para sentir esse anúncio e compara este estudo com o de um ano atrás. Nas expressões “demoro-me” e “me debruço”, vemos o narrador narrando a si mesmo, assim como Odisseu.

Além dessa passagem, há muitas outras em que o narrador delfiniano é pego narrando-se, isto porque, como já dito no início deste trabalho, ele retorna à aldeia e depara-se com um assassinato que tenta resolver. Durante este percurso, que leva a narrativa inteira, o narrador sempre retornará às suas recordações com os envolvidos no crime para narrar sua interação com os mesmos, portanto, narrando a si mesmo. É também sobre isso que Petrov (2003, p. 288) disserta:

[...] o narrador/personagem entra em cena após os acontecimentos, empenhado em encontrar as motivações para o sucedido. Estas são procuradas na sua memória, ao relembrar os seus encontros com a família antes da tragédia, e a partir das informações recolhidas junto dos habitantes da aldeia.

A partir disso, vemos que o narrador, ao colher informações com os moradores da aldeia sobre os acontecimentos que antecederam o crime, também irá narrar sua interação com eles. Durante esse momento, falará de si, sobre o que tomar como verdade, como se sente diante de tantos relatos e como chegará a uma conclusão com tantas versões de um mesmo acontecimento.

Diante do exposto, percebemos que tanto Odisseu quanto o narrador de *O Delfim* se enquadram no que Franco Junior (2003, p. 40) chama de narrador autodiegético, pelo fato de os dois narrarem suas próprias histórias dentro de suas respectivas narrativas. Essa característica similar aproxima os dois narradores cada vez mais, mesmo sendo personagens de obras tão distintas histórica e contextualmente.

3. Analogia dos aspectos narrativos no narrador da *Odisseia*, e no narrador delfiniano.

Esta sessão visa comparar os aspectos narrativos utilizados pelos dois narradores. Isto é, a forma como cada um se apresenta em suas respectivas narrativas, a maneira como se utilizam da linguagem e em que momento específico da narrativa.

Como já dito, na *Odisseia*, Odisseu se torna o narrador da história a partir do Canto IX, quando lhe é pedido como hóspede que se apresente. Neste momento, Odisseu encontra-se no palácio do rei Alcínoo, e toda a sua narrativa começa quando ele se nomeia, narrando em primeira pessoa, e fala de seus sofrimentos para chegar à sua pátria amada.

Sou de Laertes o filho, Odisseu, conhecido entre os homens
por toda a sorte de astúcias; bater foi no céu minha glória.
Ítaca, ao longe visível, é minha morada, onde o monte
Néríto se alça imponente, coroadado de frondes; em torno,
ilhas em número grande se encontram, bem perto umas de outras,
Samo não só, mas Dulíquio, também, e a selvosa Zacinto. (*ODISSEIA*,
IX. 19-24).

Vemos que após a sua apresentação, o herói começa a se gloriar de seus feitos e de sua sorte. Em seguida fala de Ítaca e a descreve como um lugar maravilhoso, cheio de encantos e de belezas. Irene de Jong (2001, p. 228) diz que “a descrição factual de Odisseu de Ítaca termina em uma apaixonada declaração de amor por sua pátria e seus pais”, (tradução nossa) e realmente é desta maneira ardente e ao mesmo tempo tristonha que o herói se refere a sua casa e seus entes.

Em seguida, Odisseu começa a narrar suas inúmeras aventuras. Portansky e Sano (2018, p. 2) afirmam que “Odisseu proclama que sua fama já chegou aos céus, mas isso não o impede de tentar aumentá-la por meio de sua própria narrativa”. Dessa forma, entendemos que o guerreiro remodela sua narrativa em uma tentativa de deixá-la

ainda mais apreciável para os feácios, pois já haviam ouvido suas narrativas anteriormente, como também desejava alcançar seu maior objetivo, o retorno à Ítaca.

Então utilizando-se dessa linguagem nostálgica para falar de sua terra, Odisseu envolve tanto o rei Alcínoo, que ao término das narrativas no canto XII agiliza o retorno do herói à Ítaca, como o leitor, que também se comove com o sofrimento do guerreiro desenvolvendo maior apreço pelo mesmo. Oliveira (2016, p. 55-56) vai afirmar que,

Desejando obter a maior vantagem possível, ele assente ao pedido do rei para que não pare de “contar” e continua narrando “os feitos maravilhosos” com “abundantes palavras”. Quanto mais extraordinário o seu relato sobre “coisas que nunca ninguém viu”, tanto maior sua chance de ser bem-sucedido. O que o rei Alcínoo não sabe é que a perícia de um aedo, enquanto um tecelão de palavras, encontra sua excelência não na rígida distinção entre o verdadeiro e o mentiroso, mas na composição flexível de uma narrativa bem tecida.

Dessa maneira, Odisseu arranja a articulação de aspectos em sua narrativa para conseguir o que almejava, e segundo a citação acima, sem fazer “distinção” dos fatos e do que, para Odisseu, encantaria os ouvidos do rei Alcínoo. Essa é a maneira como o herói se apresenta em sua narrativa.

Em *O Delfim* também temos um narrador que inicia a narrativa se apresentando, porém, ele nunca se nomeia e nem fala sobre suas origens. A desidentificação é outra característica semelhante entre os dois, pois, na passagem com Polifemo, Odisseu também ocultará seu nome, se passando por Ninguém. Assim como Odisseu, o narrador delfiniano também possui um passado cheio de aventuras e mistérios, e logo no início ele prende a atenção do leitor, se utilizando de uma linguagem que envolve suspense sobre os fatos da narrativa.

Cá estou. Precisamente no mesmo quarto onde, faz hoje um ano, me instalei na minha primeira visita à aldeia e onde, com divertimento e curiosidade, fui anotando as minhas conversas com Tomás Manuel da Palma Bravo, o Engenheiro.

(*O DELFIM*, 2008, p. 31)

Vemos que o narrador delfiniano não discorre sobre sua filiação ou origem nativa, ele começa sua apresentação, narrando em primeira pessoa, apenas com “cá estou”, que se aproxima ao que vemos no início da apresentação de Odisseu, em que o herói diz “Sou de Laertes filho”. Esse nome vazio propicia que ele também se torne

suspeito do crime na aldeia, já que pode ser qualquer pessoa. Também há semelhança no fato de os dois narradores citarem um lugar de retorno, na *Odisseia*, como vimos, Odisseu fala de Ítaca, e em *O Delfim* esse lugar é a aldeia da Gafeira. Porém, temos diferenças sobre essa noção de pertencimento à terra, visto que na epopeia o herói é extensão de seu povo, e no romance de Cardoso Pires essa relação é vista como uma crise, relatando problemas enfrentados por tal lugar.

As primeiras palavras também indicam que o narrador já esteve naquele lugar um ano atrás, provocando algumas interrogações no leitor: quem fala? Sabe-se que é o narrador, mas que relação ele possui com o enredo? O que veio fazer um ano antes? Por que tomou nota de conversas e com que finalidade? Todas essas indagações vão sendo respondidas ao longo da narrativa, porém, o leitor que lerá pela primeira vez já sente esse suspense nas primeiras linhas.

Percebemos a utilização desse aspecto narrativo: o narrador desfruta de um suspense inicial para prender a atenção do leitor e tornar a narrativa interessante, o que também nos relembra o arranjo feito por Odisseu para tornar sua narrativa mais apreciável para os feácios. Isto é, temos dois narradores que tecem suas histórias utilizando-se delas mesmas para seus objetivos. Logo depois vem a descoberta de como o narrador está envolvido na história e qual o seu papel nela além de narrar.

A história tem início com o retorno de um escritor à Gafeira, aldeia supostamente localizada em Portugal, um ano depois de sua primeira visita. [...] A atitude inicial do narrador apresenta a pretensão de descobrir a verdade, anotando com rigor os depoimentos que colhe. (CALDAS, 2004, p. 1)

Visto isso, entendemos que o narrador delfiniano, assim como Odisseu, apresenta-se em sua narrativa de maneira única e perspicaz. As semelhanças nesse início resumem-se ao modo como utilizam a linguagem primária de maneira a, de alguma forma, envolver o leitor e os personagens secundários, levando em consideração suas participações e envolvimento dentro da história.

4. Investigação sobre intrusões dos narradores em suas respectivas narrativas.

Por si só o narrador heterodiegético tende a ser subjetivo em suas descrições. Mas o narrador autodiegético tende a ser duas vezes mais, pois, como já dito, além de ser narrador de primeira pessoa, ele ainda é personagem e narra a si mesmo, participando de suas narrações e assim, propenso a ser mais intrusivo em sua narrativa do que qualquer outro narrador.

Reis e Lopes (1998, p. 63) analisaram a questão das *intrusões* do narrador, e ao conhecer este aspecto narrativo podemos perceber imediata semelhança com os narradores analisados neste trabalho. Os autores dizem:

As funções do *narrador* não se esgotam no ato de enunciação que lhe é atribuído. Como protagonista da *narração* (v.) ele é detentor de uma *voz* (v.) observável ao nível do enunciado por meio de *intrusões* (v.), vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas.

A partir do que nos é apresentado na citação acima, podemos perceber que a intrusão por parte do narrador pode designar ideologias ou comentários próprios sobre os acontecimentos. O narrador intruso direciona seus julgamentos, de maneira direta ou indireta, aos fatos dos quais ele também está envolvido na narrativa, não assumindo uma neutralidade essencial procurada pelo leitor.

Na *Odisseia*, Odisseu promove algumas intrusões em sua narrativa, e estas acontecem quando o herói pausa a narração de suas aventuras para os Feácios e comenta algum fato que ocorreu, deixando transparecer sua subjetividade. Uma dessas intrusões encontra-se no Canto XI quando, ao descer ao mundo dos mortos, Odisseu se depara com a alma de Ajax, guerreiro que ele venceu ao disputar o escudo de Aquiles. Odisseu diz,

A alma, somente, de Ajaz, afastada ficou das dos outros,
o Telamônio, agastado por causa da grande vitória
que eu obtivera sobre ele, ao lutarmos ao lado das naves
pela armadura de Aquiles, que a mãe venerada trouxera.
Eram juízes os filhos dos Troas e Palas Atena.
Ah! Quem me dera que nunca tivesse alcançado esse prêmio,
pois foi essa arma o motivo de a terra cobrir tal cabeça
como a de Ajaz, que, nos feitos guerreiros e nobre presença,
era dos Dânaos o mais distinguido, depois do Pelida.

(*ODISSEIA*, XI. 543-551)

Nessa passagem percebemos que Odisseu se lamenta ao ver a alma do guerreiro derrotado por ele, demonstrando arrependimento por, daquela disputa, ter sido o motivo de a terra ter cobrido a cabeça do guerreiro mais distinguido entre os Dânaos. Essa marca subjetiva de Odisseu interrompe o curso da narrativa, transparecendo ao leitor tristeza e inconformismo porque agora a alma de Ájax lhe repulsa.

Uma outra intrusão na narrativa de Odisseu encontra-se no Canto XII, quando ele sai das terras de Circe e segue seu caminho. Circe lhe dá conselhos sobre como Odisseu deve se comportar diante das sereias, e logo mais, diante de Caribde e Cila. Disse que não adiantaria fantasiar seus feitos guerreiros, nem se armar, pois mais vantajoso era fugir, e se ele resolvesse lutar em bravura, Cila colocaria as cabeças de fora e ele perderia numerosos guerreiros.

Mas Odisseu afirma em sua fala que se esqueceu do conselho de não se armar, e vai até o teto da proa vestido com armadura e lança na mão para espiar Cila, e sem que o guerreiro fizesse qualquer movimento o monstro arranca-lhe seis companheiros do navio. É quando Cila abocanha seus sócios que Odisseu comete a intrusão na narrativa. O guerreiro diz,

Cila os comeu ali mesmo, na entrada da gruta, entre gritos;
eles as mãos me estendiam, na luta horrorosa em que estavam.
Foi esse o quadro mais triste de todos que viram meus olhos,
em quanto tenho sofrido a explorar as estradas marinhas. (*ODISSEIA*,
XII. 56-59).

É notável o desgosto nas palavras de Odisseu quando diz ter sido a cena mais triste que já viu desde que navega por entre os mares. Odisseu expressa sua opinião ou “apreciação particular”, como diz Reis e Lopes, sobre o acontecido a seus sócios. Sendo assim, o aedo rompe com o curso da narrativa e manifesta seus sentimentos para com o ocorrido.

Tal aspecto se assemelha em *O Delfim*. O narrador por diversas vezes interrompe sua narrativa para expressar algum comentário acerca dos acontecimentos, ou ainda sobre as personagens. Vejamos uma dessas passagens:

Aí abalariam os camponeses na sua fé ensonada, inquietavam-nos (e não se esqueça que, momentos depois, eu iria presenciar o desfile daquela gente à saída da missa - posso vê-la portanto lá dentro: os homens de pé, as mulheres de joelhos. Filhas-de-Maria, de rosário nos

dedos; rapazes com transístores e blusões de plástico recebidos de longe, duma cidade mineira da Alemanha ou das fábricas de Winnipeg, Canadá; moças de perfil de luto - as viúvas de vivos, assim chamadas - sempre a rezarem pelos maridos distantes, pedindo à Providência que as chame para junto deles e, uma vez mais, agradecendo os dólares, as cartas e os presentes enviados... (PIRES, 2008, p. 38-39)

No trecho acima, o narrador delfiniano suspende a narração, que anteriormente era voltada para o largo da igreja e para sua estrutura, e tece um comentário rico em detalhes sobre os moradores da aldeia que se encontravam na missa. Esse comentário é proveniente da subjetividade do narrador, expressando sua impressão pessoal acerca dos fiéis na igreja, principalmente das mulheres, chamadas por ele de “as viúvas de vivos” por chorarem a ausência de seus maridos.

Um outro exemplo das intrusões do narrador delfiniano acontece quando ele volta às suas memórias para descrever, pela primeira vez ao leitor, a família Palma Bravo. Ao falar precisamente de Tomás Manuel, faz um comentário pessoal sobre o engenheiro. Ele diz,

De entrada pareceu-me mais novo do que realmente era, talvez pelo andar um tanto enfastiado, talvez, não sei, pela maneira como acompanhava a mulher - de mão dada, dois jovens em passeio. (Quando, na noite seguinte, o viesse a conhecer, compreenderia que, afinal, o que pairava nele era o ar indefinido, o rosto sem idade de muitos jogadores profissionais e amantes da vida nocturna. Mas continuemos.) (PIRES, 2008, p. 41)

Ao ler a passagem em que o narrador descreve a personagem, percebemos que ele expõe suas impressões e repassa ao leitor. Ao narrar “de entrada pareceu-me mais velho do que realmente era” imaginamos um certo tipo físico na personagem, mas, quando adiante considera que conhecendo melhor Tomás Manuel percebeu que “o que pairava nele era o ar indefinido, o rosto sem idade” temos uma outra perspectiva acerca da personagem. Desta forma, as intrusões aqui cometidas pelo narrador delfiniano possuem o poder de modificar diretamente as impressões do leitor sobre o que foi narrado e comover seu ouvinte/leitor.

Tendo em vista que essas intrusões possuem esse poder, Reis e Lopes (1998, p. 261) afirmam que “é por esta via que o discurso narrativo se faz ação, no sentido em que as *intrusões do narrador* acabam por se projetar sobre o leitor, tendendo a

influenciar as suas crenças e valores dominantes. ” A partir de tudo o que foi exposto sobre esse conceito e sobre a citação acima, vemos que nossos narradores, cada um à sua maneira, possuem essa característica em comum, tratando de suas ideias sem neutralidade e influenciando o leitor a pensar próximo deles, ou pelo menos a duvidar do que lhe é narrado.

4.1. Traços de não-confiabilidade nos discursos de Odisseu e no narrador delfiniano.

Fazendo relação com o ponto analisado acima, é de extrema importância que falemos sobre a não-confiança nos fatos narrados por Odisseu e o narrador de *O Delfim*, pois como vimos, intrusões do narrador podem interferir na compreensão do leitor sobre a narrativa. Portanto, se há interferências também pode haver “manipulação” dos fatos a uso próprio, ou até mesmo incertezas no que se narra, levando o leitor à desconfiança.

Conforme destacamos anteriormente, Lilian Coelho (2009, p. 3) também faz um estudo sobre a não-confiabilidade do narrador e embasados em seu trabalho sobre este termo, relembremos o que essa autora disserta sobre a não-confiança no narrador: “Em geral, costuma-se considerar narrador não-confiável aquele que narra sobre si, portando total onisciência e, justamente em razão disso, é mais dotado da capacidade de mentir, disfarçar”.

Dessa forma, compreendemos que o narrador onisciente, sendo o portador de toda a narrativa, possui em mãos o poder de ser totalmente fiel a sua história ou manipulá-la a seu favor. Assim, analisamos nossos narradores-personagens salientando traços que justificam uma desconfiança em torno de suas narrativas, investigando possíveis vestígios de mentira e disfarce, como diz Lilian Coelho.

Na *Odisseia* há uma passagem no canto VII que nos faz repensar se as aventuras de Odisseu são totalmente verdadeiras, isso somado ao fato de ele ser o único sobrevivente delas e não haver ninguém que as possa confirmar. Como já citado, Portansky e Sano (2018, p. 2) dizem que mesmo que Odisseu garanta que sua fama já chegou aos céus, “isso não o impede de tentar aumentá-la por meio de sua própria

narrativa”, isto é, não o impede de manipular os acontecimentos a seu favor. Percebemos isso na passagem a seguir:

Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Não repreendas, guerreiro, tua filha por esse motivo.
Ela, de fato, me disse que viesse com suas escravas;
mas eu não quis, por vergonha e, também, por achar-me receoso
de que pudesses ficar irritado, ao nos veres sozinhos.
São mui propensos à cólera os homens nascidos da terra.” (*ODISSEIA*,
VII. 298-307).

Nessa passagem Odisseu não permite que Alcínoo repreenda a filha Nausícaa, que ajudou o guerreiro com comida e roupa limpa quando ele chegou ao reino dos Feácios, mas se recusou a acompanhá-lo por medo dos pensamentos do pai. Porém, Odisseu mente para o rei dizendo que foi ele quem não quis aceitar a companhia de Nausícaa, e faz isso sem expressar nenhuma reação que permita ao leitor desatento saber que o fato é mentira. Somente um leitor atento e de boa memória lembrará como realmente os fatos aconteceram. Christian Werner (2016, p. 175) alude que,

Quando Odisseu, reagindo a uma crítica que Alcínoo faz à filha, mente dizendo que foi ele quem não quis entrar com Nausícaa na cidade, o narrador nada observa, ficando a cargo do receptor perceber que se trata de uma “mentira”, ou seja, que ele teve razões para disfarçar o ocorrido (*Odisseia*, VII, 298-307).

Dessa maneira, quando percebemos que Odisseu é capaz de mentir para se autopromover, desconfiamos que o guerreiro já tenha cometido ou cometa esse ato narrando suas aventuras grandiosas. Portansky e Sano (2018, p. 5) nos alertam dizendo que “Odisseu não é apenas um simples narrador, mas também um aedo construtor de seu próprio *kléos*”, isto é, um narrador que, no momento que tem a oportunidade de engrandecer seus feitos em busca de fama, o fará sem se importar com preocupações acerca de o que narra ser total ou parcialmente verdade.

Outro exemplo que nos faz suspeitar de Odisseu e considerá-lo um mentiroso/astuto está localizado no Canto IX. É o fato de ter enganado Polifemo quando lhe foi pedido que dissesse seu nome, e ao invés de proferir a frase que sempre usa “sou de Laertes o filho, Odisseu, conhecido entre os homens [...]”, ele se denomina por Ninguém, escondendo sua verdadeira identidade. Vejamos a seguir:

“Pois bem, Ciclope, perguntas-me o nome famoso? Dizer-to vou; mas a ti cumpre dar-me o presente a que há pouco aludiste.

Ei-lo: Ninguém é o meu nome; Ninguém costumavam chamar-me não só meus pais, como os mais companheiros que vivem comigo.’ (*ODISSEIA*, IX. 364-367).

Nessa passagem fica mais clara a capacidade de Odisseu em mentir, e vejamos que não se trata de uma mentira somente relacionada a si mesmo, mas engana Polifemo dizendo ser assim a maneira como os pais e os companheiros o chamavam, envolvendo outras personagens em sua invenção. Como alude Werner (2016, p. 174) “faz parte da tática de sobrevivência de Odisseu, como bem demonstra a vitória (parcial) sobre Polifemo, a manipulação da linguagem”. Sendo assim, o herói demonstra que, para que possa sobreviver aos perigos e chegar vivo à Ítaca, é capaz de “manipular”, isto é, mentir, enganar, disfarçar, dentre outros sinônimos que nos levam a não-confiança em sua narração.

Em *O Delfim* encontramos o mesmo sentimento de não-confiança do que nos é narrado. Primeiramente pelo fato de que o narrador, na tentativa de resolver o crime com a família Palma Bravo, busca fatos em suas recordações que o possam ajudar a solucionar lacunas existentes sobre como poderia ter sucedido o assassinato. A desconfiança aparece porque em muitas das vezes em que ele tenta voltar um ano atrás em sua memória para lembrar-se das visitas a casa da família e em como eles se portavam, nem sempre essas recordações são relatadas de maneira clara e concisa.

Sabendo que a memória é um mecanismo falho, nos preocupamos com a consistência do que nos é narrado, pois, assim como diz Coutinho (2008, p. 47) “ao trazer o passado à baila, traz com sigilo um arcabouço de lacunas a serem preenchidas que o presente não consegue dar conta (*sic*).” Sendo assim, o passado impreciso que o narrador delfiniano nos apresenta não é o suficiente para suprir nossas dúvidas acerca de como ocorreu o crime na Gafeira. Vejamos a imprecisão do narrador em uma de suas falas:

“A lagoa queima, a lagoa queima...” Onde ouvi eu isto? Hoje, quando fui comprar a licença ao Regedor, ou há um ano atrás? No café? E a quem, ao cauteleiro? “Está envenenada, é uma lagoa de chumbo e de pólvora. E aí daquele que meter lá a mão...” Onde diabo fui eu buscar isto? “O que são as coisas”, lamenta a minha hospedeira; e também não sei se essa voz é da ainda agora, quando a boa senhora conversava comigo sentada aí à beira da minha cama, se mais antiga, doutras visitas que me fez, quando, igualmente sentada no mesmo sítio e

vestindo a mesma bata negra de cetim, espalmava a mão no peito, a ofegar de ter subido a escada. (PIRES, 2008, p. 53)

É notável que o narrador se encontra confuso em seu discurso, precisamente quando diz “Onde ouvi eu isto? Hoje, quando fui comprar a licença ao Regedor, ou há um ano atrás? No café? E a quem, ao cauteleiro?”, pois aqui há incertezas de onde ouviu falar que a lagoa estava impregnada com os resquícios do assassinato da família Palma Bravo, que tinha a posse da lagoa. Essas incertezas do que ouviu, do que se lembra e de como ocorreram os eventos serão recorrentes em toda a narração do narrador delfiniano, causando desconfiança em seu discurso.

Uma outra questão que nos faz desconfiar do narrador de *O Delfim*, precisamente de suas interpretações a respeito de como ocorreu o crime, é o fato de ele confiar demais nos relatos dos moradores da aldeia, a ponto de considerá-los fielmente para as conclusões do caso. Podemos observar essas divergências entre os depoimentos do Velho-Dum-Só Dente e do Regedor. Para o Velho-Dum-só Dente tudo ocorreu “Assim mesmo. A dona Mercês matou o criado e o Infante matou-a a ela. Nem mais (*O Delfim*, 2008, p. 44). Mas já para o Regedor o crime aconteceu de outra forma:

“Absolutamente. Alguém pôs isso a correr para incriminar o Engenheiro. Vossa Excelência compreende: vi o corpo, não tinha o mais pequeno sinal de violência.” “Fala-se em roupa rasgada...” “Pois, e em arranhões. E não é natural? Uma senhora pelo meio da mata àquela hora da noite...” Maria das Mercês deve ter tropeçado vezes sem conta antes de se entregar nos braços da lagoa. Descalça e em camisa, fugiu às cegas, prendeu-se nos galhos, cortou-se nas silvas; no musgo escorregou, nos espinheiros feriu-se. Ia doida, desaustinada. [...]“Costuma-se dizer que quem se mata leva destino. Talvez o dela fosse o mar, sabe-se lá.” (PIRES, 2008, p. 118-119)

Para um, a mulher matou o empregado e o marido a matou, para o outro, a mulher matou o empregado e se matou, e o marido nada tem a ver com o ocorrido. Para o narrador, os dois relatos são considerados, e assim como há confusão nos autos levantados para a investigação, há confusão no que ele acredita afinal sobre o caso, chegando até a fechar seu caderno de apontamentos sem nos dar ideia do que realmente acreditar.

Sendo assim, o narrador não nos passa confiança ao acreditar nos discursos inconsistentes e divergentes dos moradores da aldeia. Para Coutinho (2008, p. 46) esses relatos “são apresentados de forma borrada, pois há entre eles e o leitor um filtro que impossibilita uma visão nítida dos fatos”, portanto não podem ser tomados como verdade absoluta.

Desta maneira, o narrador delfiniano, assim como Odisseu, provocam no leitor essa não-confiabilidade, por haver esses vestígios que nos fazem suspeitar de alguns pontos narrados por eles. Porém, é relevante salientar que essas marcas de não confiança na *Odisseia* não são postas com o mesmo intuito que em *O Delfim*. Entendemos que o objetivo na primeira narrativa seja de contar o regresso de Odisseu à Ítaca e todos os sofrimentos enfrentados pelo herói.

Já em *O Delfim* entendemos que essas marcas, assim como as intrusões apresentadas no ponto anterior, sejam postas de maneira proposital do início ao fim, pois é objetivo da narrativa delfiniana que o leitor seja conduzido a essa desconfiança, e que se dirija por vários caminhos para solucionar junto ao narrador o crime acontecido na aldeia, mesmo que para isso o leitor tenha que desconfiar do próprio narrador.

5. Narradores multifacetados: Diferenças e semelhanças em suas facetas.

Temos como nosso último ponto de análise a característica fascinante de os narradores serem multifacetados, termo ainda não propriamente conceituado, porém, utilizado pelos autores das obras aqui em análise com a mesma definição que enquadrámos seus narradores. Como já citado anteriormente neste trabalho, em um estudo da categoria narrador, Rodrigo Lage (2019, p. 89.) diz que "na realidade, continua multifacetado a medida que não consegue se decidir, escolher um dos planos fixos para estar nele", isto é, o autor referenciado utiliza o termo multifacetado como relacionado ao que é *múltiplo*, ao que é *mais do que um*, ou ainda a palavra *vários*, tendo em vista que seu narrador não escolhe “um dos planos” existentes em sua narrativa.

Igualmente em um estudo relacionado a categoria narrador e ao ato de narrar, a também citada Tatiana Lima (2013, p. 54), estabelece relação entre o termo multifacetado e o narrador analisado como: “[...]realidades e subjetividades instáveis e narradores proteiformes, multifacetados. São narradores mutantes, que narram a experiência em constante transformação”. Portanto, temos outra conexão de multifacetado ao que é *muito*, ao que é *variado*, ou ainda ao que se *transforma*.

Diante das definições de multifacetado citadas acima, este trabalho também utiliza esse termo para relacionar com os nossos narradores-personagens, pois se enquadram no que consideramos narradores com múltiplas facetas, que realizam várias tarefas ao longo de suas narrativas, e que assumem muitos papéis que não somente o de narradores. Portanto, iremos analisar as facetas que nossos narradores possuem em suas respectivas obras.

Do início ao fim da *Odisseia*, Odisseu apresenta muitas facetas. André Malta (2012) analisa o proêmio dessa epopeia vez ou outra comparando-o com o da *Iliada*, e observa a multiplicidade de Odisseu presente nos versos de abertura. Vejamos a seguir o proêmio da *Odisseia*:

Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito
peregrinou, dêz que esfez as muralhas sagradas de Troia;
muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes,
como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma,
para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta.
Os companheiros, porém, não salvou, muito embora o tentasse,
pois pereceram por culpa das próprias ações insensatas.
Loucos! que as vacas sagradas do Sol hiperião comeram.
Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno.
Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras.
(*ODISSEIA*, IX. 1-10)

O aedo fala do herói “astucioso”, palavra traduzida de *polytropos*, e que pode ter significados como “muitos”, “multiversátil” ou ainda “multiforme”, como apresenta André Malta (2012, p. 183):

O herói multiforme, *polútropos*, é portanto o herói cuja *mente* se volta em várias direções, é o herói inteligente, que possui muitos recursos, astuto, versátil, como já entendia Lívio Andrônico (século III a.C.) com sua tradução do termo pelo latim “versutus”, inaugurando uma

prática seguida por diversos tradutores em português: “astucioso” (Odorico Mendes e Carlos Alberto Nunes), “astuto” (Frederico Lourenço), “engenhoso” (Jaime Bruna), “solerte” (Padre Dias Palmeira), “industrioso” (Antônio Pinto de Carvalho).

Podemos observar portanto, que por realizar várias funções e assumir muitos papéis dentro de sua narrativa, Odisseu é considerado “multiforme”, “versátil” ou ainda multifacetado. Uma das muitas facetas assumidas por ele, de **narrador/personagem**, já foi analisada sob outra perspectiva nos tópicos acima, porém, por exercer essa função durante boa parte da obra, faz-se necessário uma outra análise, sob outro viés. Vejamos uma passagem em que Odisseu narra algo do qual também é personagem:

Meus companheiros, então, me pediram voltássemos logo
com uma boa porção desses queijos; depois cuidaríamos,
sem perder tempo, de às naves velozes levar alguns anhos
e cabritinhos, e as ondas salgadas cursar, em seguida.
Mas não me quis convencer — e bem mais vantajoso me fora!
pois desejava encontrá-lo e provar hospital gasalhado.
Mas para os sócios sua vista haveria tornar-se funesta. (*ODISSEIA*,
IX. 224-230)

Nessa passagem Odisseu narra sua decisão de adentrar a terra dos ciclopes somente pelo capricho de ser bem recebido como hóspede, o que segundo ele não havia acontecido por parte do povo que habitava aquela ilha. Mas, essa cisma do herói não era a mesma de seus companheiros, que somente queriam pegar os queijos, o gado e partir dali. Percebemos que ele narra a si mesmo quando diz “me pediram voltássemos” e “mas não me quis convencer”, isto é, o fato de o narrador narrar em primeira pessoa serve como uma espécie de marcador do narrador-personagem. Analisando essa mesma passagem, Portansky e Sano (2018, p. 6) vão se referir ao herói pelas duas facetas, eles dizem: “Odisseu-narrador reconhece que esta seria a melhor atitude, mas o Odisseu-personagem ainda não aprendera que estava numa esfera não humana e não regulada pelos seus próprios costumes”.

Outras facetas apresentadas por Odisseu é ser **hóspede/estrangeiro**, isso porque durante muitos momentos da *Odisseia*, o herói está em terras estrangeiras, visitando os povos que habitam essas terras e fazendo hospedagem nelas. Analisando a faceta **estrangeiro**, podemos citar a passagem em que Odisseu chega ao palácio de Alcínoo. A esposa do rei vendo suas vestes reconhece serem feitas por suas servas, então lhe

pergunta onde conseguiu: “Quero, estrangeiro, primeiro que todos, fazer-te perguntas: Qual o teu nome? De onde és? Quem te deu essas roupas que trazes? Não nos disseste que vieste até aqui, pelo mar sempre a nado?” (*ODISSEIA*, VII. 237-239).

Vejamos que Arete se refere a Odisseu por “estrangeiro” já que ele havia chegado naquele exato momento ao palácio. Posteriormente, fazendo-se de suas perfeitas e importantes regras de hospitalidade, os Feácios vão acolher o herói, lhe convidar a entrar e, a partir desse momento, Odisseu passa a ser **hóspede** no palácio de Alcínoo. É no momento que o herói contava como chegou até ali e como havia sido recebido na praia que o rei vai referir-se a Odisseu como hóspede:

Disse-lhe Alcínoo, depois, em resposta, as seguintes palavras:
“Hóspede, ao menos num ponto, razoável não foi minha filha,
em não te haver, juntamente com as servas, trazido ao palácio,
visto ter sido a primeira pessoa de quem te acercaste.” (*ODISSEIA*, VII. 298-301)

Nessa passagem, também já analisada neste trabalho por outro ângulo, Alcínoo tenta repreender sua filha por não ter acompanhado o hóspede até o palácio, isso porque os Feácios têm a boa hospitalidade como orgulho de seu povo. Percebemos, portanto, que Odisseu é tido como hóspede/estrangeiro neste reino, assim como foi nas terras dos cíconos, dos lotófagos, na ilha do ciclope Polifemo, na ilha de Circe. É exatamente essa a visão que Piero Eyben (2009, p. 118) transmite:

Afinal, notadamente Odisseu é sempre representado como hóspede. Mesmo reclamando seu quinhão doméstico, seu palácio, sua esposa, seu filho e reino, o herói sempre está posto como um estrangeiro que não pode revelar-se, é sempre um fantasma daquilo que sua fama (kléos) cantaria”.

A partir da citação acima vemos outras facetas de Odisseu, pois quem tem “palácio” e “reino” é **rei**; quem tem “esposa” é **marido**; quem tem “filho” é **pai**. Todos esses são papéis que, ou no início ou no final da narrativa, são atribuídos a Odisseu. Temos ainda a faceta de **herói/guerreiro**, pois como se sabe, Odisseu lutou na guerra de Troia e durante toda a *Odisseia* enfrenta perigos e aventuras magnânimas que o declaram como grande herói e grande líder. Uma delas encontra-se na passagem dos lotófagos, povo com costume de comer a flor de lótus, e quando a tripulação de Odisseu experimenta a flor esquecendo-se de seu verdadeiro destino, o herói toma atitudes ríspidas para com os seus companheiros. Vejamos na passagem a seguir:

Mas, apesar de suas lágrimas, trouxe-os à força, de novo,
para as naus côncavas, onde os ateí sob os bancos dos remos,
tendo, em seguida, ordenado aos queridos consócios de viagem
que para as céleres naves, sem perda de tempo, subissem.
Não fosse a alguém esquecer o retorno por causa do loto.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
(*ODISSEIA*, IX. 98-104)

Atentemos para as palavras proferidas por Odisseu, “trouxe-os à força” e “onde os ateí sob os bancos dos remos”. São nelas que percebemos como tal foi o rigor e a liderança utilizada pelo guerreiro, considerado como um dos atos heroicos prestados por ele nas suas aventuras, já que foi essa rispidez que salvou os sócios de permanecerem naquele lugar. Ao analisar igualmente esta passagem, o professor Gustavo Frade (2019, p. 221) ressalta que,

Na lógica do herói épico, essa ação violenta seria pelo bem desses companheiros que perderiam a vontade de continuar a viagem depois de comer o lótus (*Od.* 9, 95-7). Ao mesmo tempo, a decisão acertada de enviar esses homens para obterem informações sobre os habitantes locais (*Od.* 9, 88-9) é o que garante a continuidade do retorno, embora, ironicamente, seja exatamente seguir viagem o que resultará na morte desses homens.

Mesmo que posteriormente “seguir viagem resultará na morte desses homens”, mas naquele momento é a atitude heroica de Odisseu de “lutar” contra seus próprios companheiros que os salvará da permanência infinita naquele lugar. Sequente a isso, temos uma outra passagem em que Odisseu assume o plano das ações de forma estratégica e brilhante para salvar a si e aos seus sócios, consideradas como atitudes heroicas. Esta passagem, igualmente já analisada por outro viés em pontos acima, é a de quando o guerreiro usa a artimanha do nome Ninguém para escapar do Polifemo. O nível de inteligência dessa astúcia de Odisseu com o nome é tão expressivo que essa passagem pode percorrer por várias esferas de análise. Piero Eyben (2009, p. 118) salienta que,

Assim, Odisseu pode ser compreendido como um, ou ainda como um outro, que se compõe na medida em que permanece estrangeiro e é o herói respeitador da ξενία ou seja, é herói na medida em que cala seu nome; ou, em outro momento inicia uma narração, após ter “aprendido com a dor”, em que o nome é revelado e sua representação, sua imagem pode ser composta enquanto espectro do hospedeiro, do anfitrião.

Dessa forma, entendemos que a partir do momento em que Odisseu “cala seu nome” e rapidamente com astúcia pensa em se utilizar da falta de esperteza do Polifemo usando o nome Ninguém, ele é herói, porque é dessa maneira (juntamente com o disfarce nas ovelhas) que ele consegue salvar os companheiros sobreviventes do ciclope. Porém, ainda segundo o autor referenciado acima, é a atitude de revelar seu verdadeiro nome para estampar esse heroísmo que acaba prejudicando o guerreiro e toda a sua tripulação com a fúria do gigante, ou seja, como afirma Portansky e Sano (2018, p. 6) “O ocultamento do nome é crucial para o desenrolar dos acontecimentos e sua posterior revelação será chave para a leitura desse episódio”.

Ainda utilizando-se dessa astúcia de Odisseu para analisarmos suas facetas, percebemos que, quando é preciso (ou para se livrar do perigo, ou para estratégias de fundo pessoal), até **Ninguém** Odisseu pode ser, ou seja, este é outro de seus papéis na narrativa que o torna um herói cheio de recursos (πολύτροπος), um narrador multifacetado. Primeiramente, relembremos a passagem que contém o ardil de Odisseu:

“Pois bem, Ciclope, perguntas-me o nome famoso? Dizer-to vou; mas a ti cumpre dar-me o presente a que há pouco aludiste. Ei-lo: Ninguém é o meu nome; Ninguém costumavam chamar-me não só meus pais, como os mais companheiros que vivem comigo.” (*ODISSEIA*, 9. 364-367)

Como sabemos, anterior a essa fala, Polifemo havia dito que teria um presente para o chefe dos homens que se encontravam em sua caverna. É notório que Odisseu quer saber do que se trata, expressando até uma esperança de ser a sua libertação sem danos. É por isso que, mesmo depois de já ter negado falar quem era, ele inventa um nome com o objetivo de saber o que ganharia do gigante, por isso ele diz: “mas a ti cumpre dar-me o presente a que há pouco aludiste”. Compartilhando do mesmo pensamento que Irene de Jong (2001, p. 243) entendemos que essa faceta utilizada por Odisseu é de grande serventia, pois “a cena entre Polifemo e os outros Ciclopes revela que o nome de Odisseu 'Ninguém' é um truque eficaz”, porque tendo dito seu falso nome, o ciclope revela ser o seu presente ficar por último dentre os que seriam devorados, e não a sua libertação; dessa forma, Odisseu pôde conhecer as verdadeiras intenções do gigante.

O que impressiona é que essa estratégia de ocultar sua verdadeira identidade serviu também para que os ciclopes amigos do Polifemo não pudessem ajudá-lo a destruir quem o feriu. Compartilhando da mesma linha de pensamento, Portansky e Sano (2018, p. 7) destacam o seguinte:

Como já se afirmou, ao ser interrogado, Odisseu sagazmente não revela seu nome. No entanto, ao ser questionado pela segunda vez, com o estratagema já em mente, Odisseu oferece o nome falso de Ninguém (Οὐτις). [...] Como se sabe, é com esse jogo de palavras que Odisseu evita que Polifemo seja socorrido pelos demais Ciclopes. Odisseu, entretanto, revela seu verdadeiro nome)

Dessa maneira, percebemos que Odisseu é um narrador, personagem, hóspede, estrangeiro, herói, guerreiro e ainda um Ninguém caracterizado, segundo os autores, pela sagacidade de suas ações, e pela capacidade de assumir vários papéis dentro da narrativa de acordo com cada objetivo que deseja almejar. Semelhante a ele temos o narrador de *O Delfim* que, assim como o herói, assume muitas facetas durante sua narrativa; a de **narrador-personagem** é, como dito anteriormente, a principal. Vejamos:

“Nenhum escritor nasceu para complicar a vida”, resmungo. Tomás Manuel continua debruçado sobre a guitarra. “Ouviste, Tomás? Nenhum escritor nasceu para complicar a porca desta chatice em que andamos metidos. E os barmen ainda menos. Também não há nenhum que goste de complicar. ” Cuspo para o lado: “Nenhum”. (PIRES, 2008, p. 107)

Na passagem acima, o narrador encontra-se em um diálogo com seu amigo Tomás Manuel. É nas falas “resmungo” e “cuspo para o lado” que percebemos que o narrador fala de si mesmo, narrando em primeira pessoa, isto é, ele enquanto narrador está se narrando como personagem, assumindo as duas funções ao mesmo tempo. É nas palavras de Márcia Rodrigues (2018, p. 470) que essa visão se fortalece, a autora acentua: “Para além disso e da intriga policial presente, o romance trata ainda da própria escrita narrativa que o constitui pela voz do narrador-personagem-escritor”.

Assim como diz a autora, o romance é constituído pela “voz do narrador-personagem-escritor”, e ela ainda atribui uma outra faceta que analisaremos mais adiante. Em linha com seu pensamento, encontra-se o do narrador quando ele declara que se sente como um “observador de gabinete que reconstitui um condado desaparecido” (PIRES, 2008, p. 62), isto é, ele enquanto narrador tenta reconstituir o

crime da Gafeira, e para isso se coloca como “observador de gabinete” tendo uma posição de privilégio que o possibilita acessar informações diversas sobre o que acontece/aconteceu na Gafeira.

Outra faceta assumida pelo narrador delfiniano é a de **caçador**, sendo este o motivo inicial pelo qual ele esteve na aldeia há um ano do presente da narração, porém, ele fez amizade com o proprietário da lagoa da aldeia, Tomás Manuel, tendo livre acesso a sua casa e a sua família. É ao retornar para a temporada de caça, que se depara com o crime envolvendo a família do amigo. Muitas das vezes em que relembra suas conversas com Tomás Manuel, o narrador cita seus feitos como caçador, fala de suas armas, dos cachorros de caça, e de como se organizavam para ir à caçada.

O estúdio. Tudo disposto como na noite das apresentações: cobres nas paredes, uma espingarda antiga em cima da lareira. Eu, caçador em visita, Maria das Mercês no lugar que lhe é próprio (sentada no chão, entre revistas - Elle, Horoscope, Flama), o marido estendido no maple e com um braço pendurado para a bebida que repousa em cima do tapete. Música de fundo, e do gira-discos. Distraímo-nos com coisas várias, histórias de caça (foi lá que me emprestaram o precioso Tratado das Aves/Composto por/Um Prático) [...] (PIRES, 2008, p. 68)

Observe que na citação acima o narrador está descrevendo como se mantém a casa da família Palma Bravo depois do crime, e segundo ele, “tudo encontra-se como na noite das apresentações”. Mais adiante o narrador se autointitula como caçador: “eu, caçador em visita”, e conta como as pessoas estavam dispostas no cômodo da casa conversando sobre “histórias de caça”. Portanto, este é mais um dos papéis assumidos pelo narrador-personagem, o papel de narrador-caçador, assim como aborda Michele Matter (2011, p. 124):

O quarto é o de um escritor-caçador, que vem para a Gafeira para caçar aves na lagoa, mas não o faz durante toda a narrativa. A verdadeira caçada que empreende é o entendimento da nova configuração social que encontrará ali, através de uma busca pelos labirintos da memória em linguagem. Talvez por isso a mesa de trabalho ocupe um plano frontal enquanto os instrumentos da caça literal ocupem o plano do fundo.

Em linha com a autora, entendemos que o narrador se autodenomina como caçador, possui os objetos necessários e até um livro sobre aves, podendo ter utilizado tudo isso da outra vez que veio para a aldeia. Porém, da segunda vez que visita a

Gafeira sua caçada se resume a juntar vestígios que o ajude a solucionar o crime. A autora ainda o chama de “escritor-caçador”, o que nos leva a outra de suas facetas, a de **autor/escritor**.

Por várias vezes durante a narrativa o narrador fala que está escrevendo mais um livro, inclusive em uma das conversas com Tomás Manuel, fala dos romances que escreveu. Quando o engenheiro lhe pergunta de qual livro gosta mais, o narrador diz: “Respondo-lhe que gosto de todos os livros que escrevi, e de maneira e por razões diferentes; que em todos falta qualquer rasgo do acaso para os tornar definitivos, acabados, e daí nunca poder abandoná-los, gostando ainda mais deles por isso.” (PIRES, 2008, p. 99). É justamente por causa deste novo livro que o narrador volta à aldeia com um caderninho de anotações em busca de inspiração, e em razão dos acontecimentos que encontrou em seu retorno, o tema do livro seria sobre o crime da Gafeira.

Em alguns trechos da narrativa o próprio narrador delfiniano se intitula, deslocado de si, assumindo uma posição de onisciência, como autor: “Temos, pois, o Autor instalado na janela duma pensão de caçadores.” (PIRES, 2008, p. 32). É notável que o narrador tinha noção de que ocupa mais de um papel dentro da história que ele conta. Assim como diz Márcia Rodrigues (2018, p. 470) “Mesmo como personagem, o narrador não se desvincula da posição de escritor: ”, ou seja, nem se desvincula da posição de escritor, nem de personagem, caçador, ou qualquer outra faceta que ele assuma. Vejamos a passagem em que o narrador assume ter voltado à aldeia com o intuito de terminar seu livro:

Mas eis que, quando trago de Lisboa o meu caderno e me preparo para recomeçar a preenchê-lo como dantes, com prazer e meditação, eis que o mundo antigo desaparece e me deixa a uma janela, de braços caídos, atordoad. Já não tenho Tomás Manuel como modelo vivo, como pão da minha curiosidade. Nem Maria das Mercês. Nem o Domingos, que se transformou em cão-maneta. (PIRES, 2008, p. 90)

Sua intenção era retornar a casa de seus amigos, onde pôde conhecer mais sobre a famosa família Palma Bravo, família de grandes nomes mas que em seu íntimo carregava segredos, desmandos, severidade, tudo o que ele conseguiu observar na casa de Tomás Manuel há um ano. Porém, seu retorno fracassa assim que descobre que “o

mundo antigo” desaparecera, e que já não tem mais os membros da família para observar. Ao analisar essa característica de escritor do narrador delfiniano, Márcia Rodrigues (2018, p. 471) traz uma citação do próprio José Cardoso Pires.

“O *escritor-furão* é o “escritor que se adia”, como o definiu Cardoso Pires (2001: 124); ele anota todas as informações em seu caderno, documenta tudo, “à espera da oportunidade de reviver o escritor enquistado que há nele”; tal adiamento reflete-se numa economia narrativa ou numa “suspensão do facto” (Pires, 2001) e as descrições (da Lagoa, da Gafeira, das personagens todas), bem como os diálogos abundam, sem que isso descaracterize o gênero romance, este, da contemporaneidade do autor, que permite toda a sorte de caracteres que o definem como pós-moderno.”

É nas palavras de José Cardoso Pires, trazidas por Márcia Rodrigues que percebemos que, quando o narrador-escritor não consegue o que queria de imediato, começa a buscar novas fontes. Como não tinha mais a família Palma Bravo para observar e escrever sobre, começa a explorar outras coisas, como a própria aldeia, sua lagoa e as pessoas que habitavam nela. É nessa busca por novos conteúdos que o narrador acaba por empreender uma outra faceta, a de **leitor**, pois muito do que ele conhecerá tanto sobre a formação da aldeia, quanto sobre a origem da família Palma Bravo virá dos livros que vai ter contato.

Um desses livros ele começou a ler um ano antes, da primeira vez que esteve na aldeia. No seu retorno, ele consegue o livro de volta e retoma a leitura adiada: “Repare-se que tenho a mão direita pousada num livro antigo - Monografia do Termo da Gafeira - ou seja, que tenho a mão sobre a palavra veneranda de certo abade que, entre mil setecentos e noventa, mil oitocentos e um, decifrou o passado deste território”. (PIRES, 2008, p. 31). Notamos que nessa passagem o narrador começa os estudos sobre a formação da aldeia da Gafeira, provavelmente, pretendendo tomar nota sobre o território, é o que Michele Matter (2013, p. 125) também aborda:

A mudança brusca de focalização do olhar para o detalhe da mão pousada sobre a *Monografia* parece indicar o caráter de importância desse texto na jornada do narrador-escritor, como texto de decifração do passado, assim como também será o que ele irá produzir, embora de diferente modo. O narrador entende que a escrita do abade é o texto histórico que justifica a memória dos Palma Bravo.

Dessa maneira, quando a autora diz “parece indicar o caráter de importância desse texto na jornada do narrador-escritor”, entendemos que ela compartilha do mesmo pensamento exposto no parágrafo anterior, ou seja, como o narrador já não tinha mais sua antiga fonte de inspiração, este texto Monografia do Termo da Gafeira é o primeiro passo para conseguir desenvolver sua escrita sobre a aldeia.

Outra passagem que contém o narrador em uma leitura é quando se debruça sobre um jornal que continha fatos ocorridos na aldeia que o interessavam. Inclusive havia algo sobre um pacto feito pelos caçadores revoltosos, que queriam o direito de poder caçar na lagoa sem pagar impostos, já que o antigo dono já não se encontrava, havia sumido: “Estendo-me na cama a ler o jornal. Em poucos minutos está visto e deixa-me os dedos sujos de tinta, comprometidos por uma negrura baça de chumbo.” (PIRES, 2008, p. 130). Entendemos que a leitura o interessava pelo fato de querer estar por dentro do que acontecia aos moradores da aldeia, como fonte para suas anotações, e essa “negrura baça de chumbo” refere-se ao levante organizado pelos caçadores e outras personagens.

Por fim, a última faceta do narrador delfiniano analisada neste trabalho é a de **detetive**, o que não significa que seja sua última. Escolhemos esta característica por considerarmos uma das mais importantes, já que o narrador passa a maioria da história tentando resolver o crime ocorrido. Para isso, como já dito, o narrador anota depoimentos dos moradores da aldeia, e em uma dessas passagens, o narrador para e reflete sobre o que anotou:

Infante... Infante..., repito de mim para mim. E muito no íntimo peço-lhe desculpa de ter empregado um termo tão do Velho e em que só o Velho sabe pôr a intenção mais profunda. Falta-me, quanto mais não seja, o ódio animal de um dente que navega entre a fábula e a justiça para dar a essa palavra a violência devida. E, para já, retiro a expressão. Seria um efeito inútil, tenho de reconhecer. Portanto, onde pus Infante ponho Engenheiro, ou simplesmente o nome próprio, Tomás Manuel, e desvio o olhar do café onde deixei o Velho e o Batedor. (PIRES, 2008, p. 47)

Ao empregar seu papel de detetive, o narrador tomou nota dos depoimentos de alguns personagens, como o Regedor e o Cautaleiro. Na citação acima, o narrador estava tomando nota do depoimento do Velho-Dum-Só-dente, mas não gostou de uma colocação que o Velho fez sobre seu amigo Tomás Manuel, chamando-o de “infante”,

portanto, o narrador retira isso de seus autos. Alguns teóricos defendem que *O Delfim* seja um romance policial justamente pelo fato de um narrador empreender tão bem o seu papel de detetive, do início ao fim da narrativa. Petar Petrov (2003, p. 288) tem suas considerações:

Narrativa de difícil classificação, **O delfim** pode ser visto também como uma simples intriga policial, em virtude de o narrador desempenhar o papel de detetive que vai recolhendo e confrontando as informações obtidas de vários depoimentos, documentos históricos, notas pessoais, impressões fugazes, etc., procurando reconstruir a todo o custo a trama. Todavia, numa leitura mais atenta, torna-se óbvio que a estrutura do romance não obedece aos pressupostos clássicos do gênero, em virtude de não se chegar à decifração do crime, o que indica que o mesmo não tem nenhuma importância, tão pouco representando o tema principal.

De acordo com a visão do autor, entendemos que, o que temos é somente um narrador que ocupa muitos papéis dentro de uma só narrativa, e a faceta de detetive é uma delas, o que não significa que por este motivo a obra seja uma “intriga policial”, mas sim um emaranhado de funções envoltas em uma só figura, isto é, um narrador multifacetado. Dessa maneira, relacionamos mais uma característica semelhante entre o narrador delfiniano e Odisseu, que assim como as outras semelhanças apresentadas neste trabalho, se firmam diante de um aprofundado estudo entre obras.

6. Considerações finais

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, a analisar as similitudes e divergências existentes entre a persona Odisseu, da *Odisseia*, de Homero, e o narrador de *O Delfim*, de José Cardoso Pires. Para que o trabalho não se limitasse apenas a elementos comparativos superficiais, como serem narradores em primeira pessoa, buscamos cotejar semelhanças demasiadas, que nos prendessem ao texto na tentativa de captar não somente o que é ação, como a comparação entre narrativas não confiáveis, mas também o que é sentimento, como a analogia das intrusões dos narradores em seus discursos.

Como resultado, foi observado que tanto Odisseu quanto o narrador delfiniano narram a si mesmos, e que para alcançarem seus objetivos dentro das narrativas, remodelam a linguagem a fim de convencerem seus leitores sobre seus discursos;

constatamos ainda que os dois narradores possuem a capacidade de cometer intrusões, transferindo suas subjetividades para dentro de suas narrativas, sendo possível modificar positiva ou negativamente a visão do leitor sobre o que foi narrado; abordamos a não-confiabilidade nos narradores, cotejando seus discursos e ações em cada obra; por fim, apresentamos as muitas facetas empregadas aos narradores, isto é, os vários papéis assumidos por um personagem.

Perante o exposto, concluímos que, o texto literário em sua grandeza possibilita fatos fascinantes, tais como empreender a um personagem não somente sua carga natural, agir como personagem na narrativa, mas também assumir vários outros papéis, tornando-se múltiplo.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Oxford, 1965.

CALDAS, Tatiana Alves Soares. **O Delfim, a libertação da escrita como vislumbre da revolução**. In: *Cadernos do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CNLF)*, Rio de Janeiro, série VIII, n. 7, p. 1-4, 2004. Disponível em: <<https://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-09.html>> Acesso em: 05/03/22

COELHO, Lilian Reichert. Entre confiança e desconfiança: movimentos do narrador em A Trilogia de Nova York, de Paul Auster. In: **Darandina Revista Eletrônica**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2009.

COUTINHO, Marcos Vinicius Fiuza. **Nas malhas do texto: verdade e poder n'O Delfim, de José Cardoso Pires**. 2008. 69f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade de Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

EYBEN, Piero. Da herança do outro na narrativa homérica. **Aletria**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 115-127, 2009.

FRADE, Gustavo. Controle da informação e liderança nas aventuras de Odisseu (Odisseia, 9-12). **Clássica**, Juiz de Fora, v. 32, n. 2, p. 217-233, 2019.

BETZ, Louis Paul. Observações críticas a respeito da natureza, função e significado da história da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 8-364.

FRANCO JR., Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.) **Teoria da Literatura, abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá, Ed. da UEM, 2003, p. 33-56.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa: ensaio de método**. Editora Arcádia, Lisboa-Portugal, 1979, p. 9-83.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e introdução Carlos Alberto Nunes. 25.ed. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JONG, Irene de. **A narratological commentary on the Odyssey**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LAGE, Rodrigo Conçole. O ramo azul de Octavio Paz: um conto pertencente ao gênero estranho. **Alfa**, Patos de Minas, v. 20, n. 2, p. 1-196, dez. 2019.

LIMA, Tatiana Hora Alves de. **A narração da experiência em News from home e Lost book found**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MALTA, André. Multiplicidade no próêmio da Odisseia. In: MALTA, André. **Homero múltiplo: ensaios sobre a épica grega**. São Paulo: Edusp, 2012. p. 288.

MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. Literatura e cinema, em um olhar de narrador-caçador: o cinematográfico discurso de O Delfim: **Metamorfoses**, Rio de Janeiro, v.12, n. 1 e 2, p. 121-130, 2011.

OLIVEIRA, Marcela. “Ulisses e o ardil da narração”. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. IX, n. 17. 2016, p. 45-57.

PIRES, José Cardoso. **O Delfim**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PETROV, Petar. O realismo e os “realismos” da obra de José Cardoso Pires. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 282-293, 2003.

PORTANSKY, Thais e SANO, Lucia. Criaturas antropofágicas e a astúcia e glória de Odisseu. **Codex: Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2018.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M.. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Márcia Regina. Convergências estéticas entre o render dos heróis e O Delfim, de José Cardoso Pires. **Revista de Estudos Literários** 8, p. 464-481, 2018.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. In: Duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 85-96.

WERNER, Christian. Eumeu e Auerbach: os efeitos da narrativa em Homero. **Revista Clássica**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 171-191, 2016.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural do Semi-Árido e ao curso de Letras Português, por tornarem possível minha formação.

Ao Prof. Dr. Liebert de Abreu Muniz, pela majestosa orientação professoral.

Aos Professores participantes da Banca Examinadora Prof. Dr. Pedro Fernandes de Oliveira Neto e Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa.

Aos meus pais, por todo incentivo e esforço para me educar.

À Micnéias, meu marido, pelo incentivo, paciência e companheirismo.

Aos colegas de curso, por todos os momentos e amizade, em especial à Maria Alice, pelo elo forte de amizade que nos transformou em comadres.

Aos demais professores do curso, pela amizade e convívio.